

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: NOÇÕES DE ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

INCLUSIVE EDUCATION: NOTIONS OF GUIDANCE AND MOBILITY IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION CLASSES

Daniel Guilherme Marquezani Silva¹ Jonielson Góes da Silva²

RESUMO: A deficiência visual, caracterizada como cegueira ou baixa visão, é a perda da acuidade visual, causando uma limitação de percepção de estímulos através dos olhos e, frequentemente, resulta em prejuízos cognitivos, emocionais, sociais e, sobretudo, funcionais. Este artigo tem como objetivo analisar a importância do desenvolvimento de noções de orientação e mobilidade nas aulas de Educação Física Escolar, uma vez que essa disciplina possui, como objeto de aprendizagem, o movimento, visando a autonomia e o desenvolvimento integral de alunos com deficiência visual. Com base na pesquisa bibliográfica, como fonte primária de pesquisa, e conceitos de autores que caracterizam essa deficiência, seguindo com a identificação das noções de orientação e mobilidade e, por fim, associamos a importância do desenvolvimento de tais vivências no ambiente das aulas de Educação Física Escolar. Nesta perspectiva, conclui-se que é essencial o desenvolvimento de noções de orientação e mobilidade nas aulas de Educação Física Escolar, uma vez que a falta de estímulos motores compromete diretamente a interação do indivíduo com o ambiente, favorecendo o atraso do seu desenvolvimento e o sentimento de incapacidade e insegurança.

Palavras-chave: Deficiência visual. Orientação e mobilidade. Educação Física.

ABSTRACT: Visual impairment, characterized as blindness or low vision, is the loss of visual acuity, causing a limited perception of stimuli through the eyes and often results in cognitive, emotional, social and, above all, functional impairments. This article aims to analyze the importance of developing notions of orientation and mobility in School Physical Education classes, since this discipline has movement as a learning object, aiming at the autonomy and integral development of students with visual impairment. Based on bibliographic research, as a primary source of research, and authors' concepts that characterize this deficiency, following with the identification of the notions of orientation and mobility and, finally, we associate the importance of the development of such experiences in the environment of Education classes School Physics. In this perspective, it is concluded that it is essential to develop notions of orientation and mobility in School Physical Education classes, since the lack of motor stimuli directly compromises the interaction of the individual with the environment, favoring the delay of their development and the feeling of incapacity and insecurity.

Keywords: Visual impairment. Orientation and mobility. PE.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente é grande o desafio aos professores em relação ao processo de inclusão dos alunos com deficiência visual, uma vez que as particularidades apresentadas pelos educandos com essa deficiência e seu nível de desenvolvimento exigem do professor uma organização prévia dos conteúdos abordados e, também, a adequação de instrumentos e procedimentos para

¹ Governo do Estado do Amapá – Centro de apoio Pedagógico ao Deficiente Visual. danguilebh@gmail.com

²Universidade Paulista – UNIP Macapá. goesmacapa@yahoo.com.br

que ocorra, de fato, o processo de ensino-aprendizagem. Esse fato traz certo desconforto, uma vez que muitos professores apresentam resistência quando o assunto é mudança.

Segundo Minetto (2008) afirma que “quanto mais conhecemos determinado fato ou assunto, mais nos sentimos seguros diante deles. O novo gera insegurança e instabilidade, exigindo reorganização, mudança”. Assim, cabe aos professores desenvolver novas posturas e habilidades para compreender as características de seus alunos deficientes visuais para que possa intervir de forma positiva nos momentos de aprendizagem.

Vivemos em um momento histórico onde os elementos visuais são estimulados a todo instante, alimentando nossa imaginação, consumo, aspirações e realizações. Neste sentido, o aluno com deficiência visual encontra-se em desvantagem em relação aos videntes, uma vez que, além do atraso no seu desenvolvimento pela dificuldade na construção de conceitos através dos símbolos e de elementos abstratos, ainda possuem atrasos nos aspectos motores, sociais e emocionais. (JUNIOR e SANTOS, 2007).

A Educação Física contribui nesse contexto como instrumento de inclusão, pois auxilia na emancipação das dificuldades enfrentadas, uma vez que cria condições para uma maior autonomia e o desenvolvimento de habilidades que contribuam para o desenvolvimento de suas potencialidades.

A relevância de se escrever um artigo sobre o desenvolvimento de noções de orientação e mobilidade nas aulas de Educação Física Escolar se dá na medida em que a referida temática faz parte dos aspectos cognitivos e sociais desenvolvidos por essa disciplina e suscita um debate sobre a importância de se discutir a temática da Educação Física Inclusiva.

Esse trabalho irá se desenvolver, inicialmente, conceituando e caracterizando a deficiência visual através de obras de autores que contribuíram para seu melhor entendimento. Em sequência, ele irá abordar as contribuições das noções de orientação e mobilidade para a autonomia do aluno deficiente visual. Por conseguinte, será abordado o incremento das noções de orientação e mobilidade nas aulas de Educação Física Escolar para desenvolvimento humano e na autonomia do aluno com deficiência visual. Por fim, serão emitidas as impressões e sentimentos com relação à contribuição do tema abordado nas aulas de Educação Física Escolar e a necessidade de reflexão sobre o papel docente.

2. DEFICIÊNCIA VISUAL

Deficiência visual é o termo utilizado para descrever indivíduos que apresentam dificuldade de ver ou precisam de adaptações especiais para que possam funcionar visualmente em condições abaixo da média, incluindo também aqueles que não possuem visão útil. Os deficientes visuais são divididos em dois grupos: baixa visão e cegueira.

Para Faye e Barraga (1985), indivíduos com baixa visão são “aqueles que apresentam, desde condições de indicar projeção de luz, até o grau em que a redução da acuidade visual interfira ou limite seu desempenho.”

Ainda segundo a Faye e Barraga (*ibid.*), o indivíduo com baixa visão ou visão subnormal é aquele que apresenta diminuição das suas respostas visuais, mesmo após tratamento e/ou correção óptica convencional.

A deficiência visual pode ser consequências de causas congênicas, ou seja, aquelas que foram desenvolvidas no decorrer do processo da concepção até o nascimento, e causas adquiridas, que ocorreram posteriormente ao nascimento.

Conforme Costa (2009) afirma que

a pessoa com deficiência visual é uma pessoa normal que não enxerga ou possui visão reduzida. Ou seja, nenhuma outra defasagem lhe é naturalmente inerente. Contudo, em função da diminuição de suas possibilidades de experimentação, de um relacionamento familiar e/ou social inadequados e de intervenções educacionais não apropriadas, poderá apresentar defasagens no desenvolvimento social, afetivo, cognitivo e psicomotor, quando comparadas a indivíduos com visão normal da mesma faixa etária.

Quando apresentadas, essas defasagens são mais acentuadas na área motora devido às limitações das experiências motoras da pessoa com deficiência visual nos diversos níveis, conforme cita Pedrinelli (1994). Pode-se perceber limitações no campo da imagem corporal, equilíbrio, postura, marcha, expressividade corporal, menor tônus muscular dentre outras.

Defasagens cognitivas também são facilmente observadas, principalmente na dificuldade de formação e utilização de conceitos, uma vez que a limitação na captação de estímulos visuais contribui negativamente na relação entre o objeto percebido e a palavra.

3. ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE

Inicialmente, faz-se necessário a abordagem dos conceitos de orientação e mobilidade para que possamos traçar uma linha de pensamento sobre seu papel na autonomia da pessoa com deficiência visual.

Entende-se por orientação, segundo Wojnack (1989), como a” habilidade para reconhecer o meio ambiente e estabelecer sua posição em relação a ele.” Desta forma, a consciência do corpo, percepção dos objetos e do espaço, o comportamento motor e o adequado uso dessas informações, traduzem-se na capacidade de orientação do indivíduo. Ela é desenvolvida através de repetidas experiências sensório-motoras no ambiente.

Já a mobilidade é entendida, também por Wojnack (*ibid.*) como sendo a habilidade física para se mover de forma intencional, eficiente e segura pelo ambiente, tão independente

quanto possível, de um lugar para outro. Ela envolve tanto as percepções adquiridas através da orientação, como a capacidade de movimentação do corpo no espaço.

A locomoção independente é uma das tarefas mais difíceis para o deficiente visual. Para que sua orientação e mobilidade sejam eficientes, ele deve compreender o ambiente em que se encontra, usar informações adquiridas através dos sentidos remanescentes, especialmente a audição, obter informações verbais, utilizar-se de técnicas protetoras, bengala longa ou guias videntes.

O objetivo do desenvolvimento da orientação e mobilidade do aluno com deficiência visual é fazer com que ele possa transitar por ambientes interno e externos com eficiência e graciosidade, de maneira segura e independente, assim, garantindo sua independência na locomoção.

4. NOÇÕES DE ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A pessoa deficiente visual, sendo ela cega ou com baixa visão, sempre será um sujeito de integração social. Normalmente, deficientes visuais não estão predispostos para atividade física, principalmente de caráter vigoroso (Laughlin, 1975; Stamford, 1875). A inatividade física não só reduz a capacidade funcional, como também, predispõe o indivíduo a doenças hipocinéticas, diminuindo, assim, sua expectativa de vida.

A falta de visão diminui a curiosidade natural de exploração da criança deficiente, limitando sua atuação ativa nas descobertas do mundo. O receio de se chocar contra objetos aliados A superproteção dos pais e educadores, contribuem para a inatividade e o isolamento.

A Educação Física pode contribuir para a mudança desse paradigma, uma vez que, através de exercícios físicos, o aluno deficiente irá fortalecer sua autoconfiança. A prática regular de exercício irá torná-lo mais seguro e independente, favorecendo melhores condições de saúde, melhor postura, uma vez que a consciência corporal é estimulada através dos movimentos corporais, melhora a harmonia do movimento uma vez que seus movimentos se tornam mais naturais e menos mecanizados, contribuindo para sua melhor locomoção.

Neste sentido, as aulas de Educação Física servirão como um campo de estimulação para conhecimento do seu próprio corpo. A partir daí, ela começa a descobrir o seu meio ambiente, fato que traz motivação na descoberta do mundo.

Entretanto, Buell (1985) sugere que os cegos exibem tensões mais elevadas ao realizarem atividades de rotina. Logo, a locomoção também é um fato de atenção no aumento desses níveis, uma vez que a falta de êxito na tarefa pode contribuir para isso.

A capacidade de se movimentar de um espaço para outro é fundamental para a qualidade de vida de qualquer pessoa. Assim, pessoas que apresentam deficiência visual, necessitam de técnicas específicas para lograrem êxito no ato de se deslocar, diminuindo as chances de erros e acidentes que podem vir a desestimular sua vivência, como devem ampliar suas possibilidades de êxito, sendo fator de motivação, superação e independência.

Neste sentido, abordagem das noções de orientação e mobilidade nas aulas de Educação Física Escolar, visam favorecer ao cego a segurança na sua locomoção, facilitando sua inserção social e sua integração ao meio. A atividade motora é fundamental para o desenvolvimento global e específico do ato de se deslocar.

Segundo Barber e Lederman (1988), “o movimento no espaço deriva inteiramente do sistema háptico, que utiliza as informações quer cutâneas, quer quinestésicas”. Desta forma, a descoberta do espaço pelo aluno com deficiência não deve ser só realizada com as mãos, mas, sim, com o corpo todo. Logo, a independência do aluno com deficiência visual só irá caminhar rumo a sua independência se for submetido à um programa de orientação e mobilidade.

Faz-se necessário ressaltar que a iniciação em programas de orientação e mobilidade, deve acontecer o mais cedo possível, concomitante com a vida acadêmica do aluno, criando condições psicológicas, sociais e corporais que favoreçam a consciencialização do ato motor, para que, depois, se passe a uma fase de introdução de técnicas específicas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão que se chegou com o presente estudo é a de que a deficiência visual é caracterizada pelo comprometimento da percepção visual, a qual compromete diretamente na interação do indivíduo com o meio em que vive, favorecendo o atraso em seu desenvolvimento e a adoção de atitudes que limitam seu repertório motor, sua autoestima e cria sentimentos de incapacidade e insegurança.

Neste sentido, a Educação Física tem papel essencial para o desenvolvimento da autonomia da descoberta, pelos alunos com deficiência visual, uma vez que o objeto de aprendizagem desta disciplina é o movimento. A prática de exercício físico regular estimula a melhora da condição física do aluno com deficiência, o que é fundamental para a aprendizagem da orientação e mobilidade, uma vez que, a partir dela, cria-se conhecimentos a respeito do próprio corpo e de suas possibilidades.

O desenvolvimento de técnicas de orientação e mobilidade nas aulas de Educação Física Escolar contribui para o favorecimento da consciência corporal, sentimento de justiça, adoção de atitudes positivas, melhora da postura, da marcha, adoção de hábitos saudáveis e na integração social do educando.

Por fim, nota-se a importância da estimulação de noções de orientação e mobilidade nas aulas de Educação Física Escolar na mais tenra idade, uma vez que a ampliação do repertório motor na primeira infância irá contribuir futuramente para uma maior autonomia e segurança do aluno deficiente, contribuindo para sua independência.

REFERÊNCIAS

BARBER, P. O.; LEDERMAN, S. J. **Encoding Direction in Manipulatory Space and the Role of Visual Experience**. *Journal of Visual Impairment & Blindness*, p.99-106, mar., 1988.

COSTA, C. S. L. et al. **Análise do conceito de deficiência visual: considerações para a prática de professores**. In: COSTA, M. P. R. (Org.) *Educação Especial: aspectos conceituais e emergentes*. São Carlos: EDUFSCar, 2009, p. 47-62

FAYE, E.; BARRAGA, N.C. **The low vision patient**. Grune e Stratton, 1985.

JUNIOR, W. R.; SANTOS, L. J. M. **Judô como atividade pedagógica desportiva complementar em um processo de orientação e mobilidade para portadores de deficiência visual**. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires, Nº 35, 2001. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd35/judo.htm>; Acessado em: 22/05/2020.

MINETTO, M. F. **O currículo na educação inclusiva: entendendo esse desafio**. 2ª ed. Curitiba: IBPEX, 2008.

PEDRINELLI, V. J. **Educação Física Adaptada: Conceituação e Terminologia**. In: *Educação Física e Desporto para Pessoas Portadoras de Deficiência*. Brasília: MECSEDES, SESI-DN, 1994, p. 7-10.

WOJNACK, D. **Orientação e Mobilidade para as pessoas Visualmente Deficientes com Desvantagens Adicionais**. Viña Del Mar, Chile [s.n], 1989.